



ANGELA ALMEIDA
organizadora

ERASMO
ANDRADE
MINHA
ALDEIA
AZUL


edufnrn



REITORA

Ângela Maria Paiva Cruz

VICE-REITOR

José Daniel Diniz Melo

DIRETORIA ADMINISTRATIVA DA EDUFERN

Luis Passeggi (Diretor)

Wilson Fernandes (Diretor Adjunto)

Judithe Albuquerque (Secretária)

CONSELHO EDITORIAL

Luis Passeggi (Presidente)

Ana Karla Pessoa Peixoto Bezerra

Anna Emanuella Nelson dos S. C. da Rocha

Anne Cristine da Silva Dantas

Christianne Medeiros Cavalcante

Edna Maria Rangel de Sá

Eliane Marinho Soriano

Fábio Resende de Araújo

Francisco Dutra de Macedo Filho

Francisco Wildson Confessor

George Dantas de Azevedo

Maria Aniolly Queiroz Maia

Maria da Conceição F. B. S. Passeggi

Maurício Roberto Campelo de Macedo

Nedja Suely Fernandes

Paulo Ricardo Porfírio do Nascimento

Paulo Roberto Medeiros de Azevedo

Regina Simon da Silva

Richardson Naves Leão

Rosires Magali Bezerra de Barros

Tânia Maria de Araújo Lima

Tarcísio Gomes Filho

Teodora de Araújo Alves

EDITORIAÇÃO

Kamyla Alvares (Editora)

Alva Medeiros da Costa (Supervisora Editorial)

Natália Melão (Colaboradora)

Suwellyn Cassimino (Colaboradora)

REVISÃO

Wildson Confessor (Coordenador)

Suwellyn Cassimiro (Colaboradora)

DESIGN EDITORIAL

Michele Holanda (Coordenadora)

Rafael Campos (Capa e Miolo)



Coordenadoria de Processos Técnicos
Catalogação da Publicação na Fonte.UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede

Andrade, Erasmo de.

Minha aldeia azul [recurso eletrônico] / Erasmo de Andrade ; organizadora
Angela Almeida. – Natal, RN: EDUFRN, 2017.

91 p. : il. ; PDF ; 95,9 Mb

Modo de acesso: <http://repositorio.ufrn.br>

ISBN 978-85-425-0712-6

1. Pintores - São Tomé (RN). 2. Pintura brasileira. I. Título. II. Almeida, Angela.

RN/UF/BCZM

2017/19

CDD 759.98132

CDU 75(813.2)



ANGELA ALMEIDA
organizadora

ERASMO
ANDRADE
MINHA
ALDEIA
AZUL



“ A Aldeia Azul é o manto de serras que contornam São Tomé, uma pintura de casas sobre rochas, preenchendo espaço e tempo. O que marca para sempre São Tomé no signo da serra, é a torre gótica da matriz, nuvens espessas e pássaros que levitam nos céus – a revelação icônica de um lugar de minha infância e juventude.

Erasmu Andrade

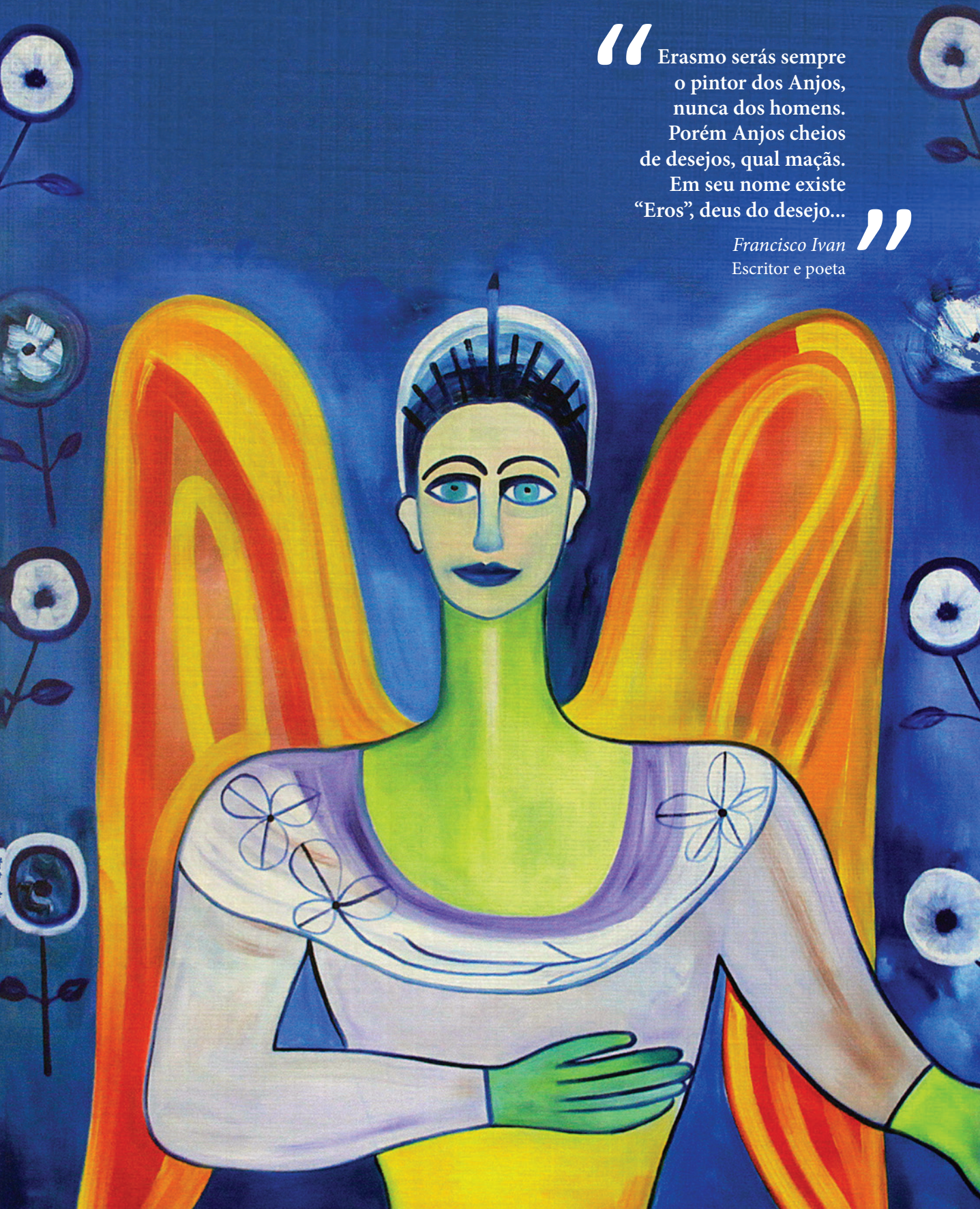
”



Éasmo 2007. Monty de Armon.

“ Erasmu serás sempre
o pintor dos Anjos,
nunca dos homens.
Porém Anjos cheios
de desejos, qual maçãs.
Em seu nome existe
“Eros”, deus do desejo... ”

Francisco Ivan
Escritor e poeta



SUMÁRIO

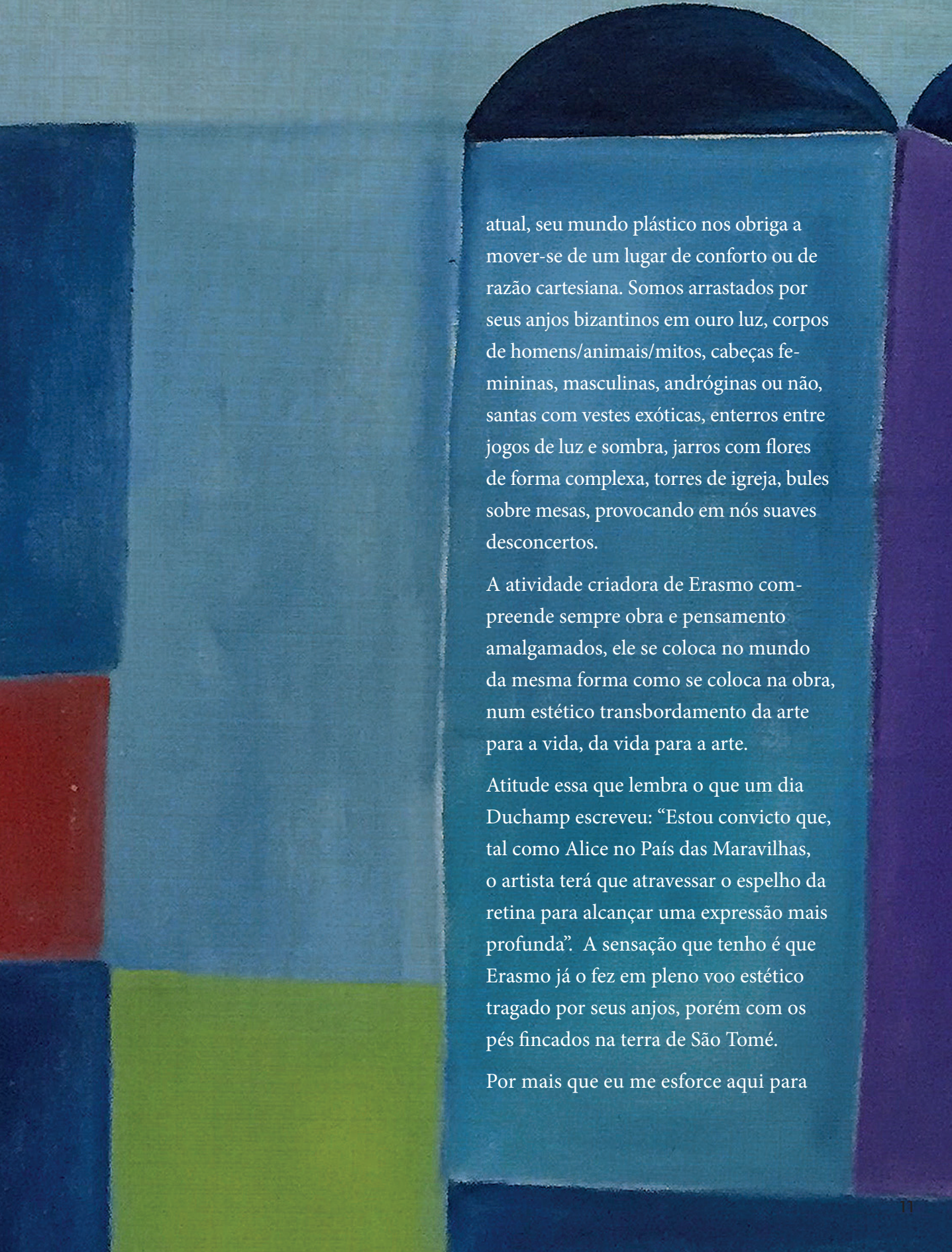
QUANDO OUVEM-SE O MURMÚRIO DAS CORES	10
O ARTISTA POR ELE MESMO	13
OS TEMAS ESTÉTICOS	22
ESTUDOS	76
RECENTEMENTE	88



QUANDO OUVE-SE O MURMÚRIO DAS CORES

Ao observar a obra de Erasmo Andrade, mesmo que seja um olhar furtivo, é inevitável a sensação simultânea de desconcerto, deslumbramento, encantamento. Lembrando o que o artista catalão, Antoni Tàpies (1923-2012), escreveu se referindo à arte: “[...] quando o grande público encontra plena satisfação em determinadas formas artísticas, é porque essas formas já perderam toda a sua virulência. Onde não houver verdadeiro impacto, não haverá arte. Quando a forma artística não é capaz de provocar o desconcerto no espírito do espectador e não o obriga a mudar de forma de pensar, não é atual”.

Nesse sentido, a obra de Erasmo já nasceu

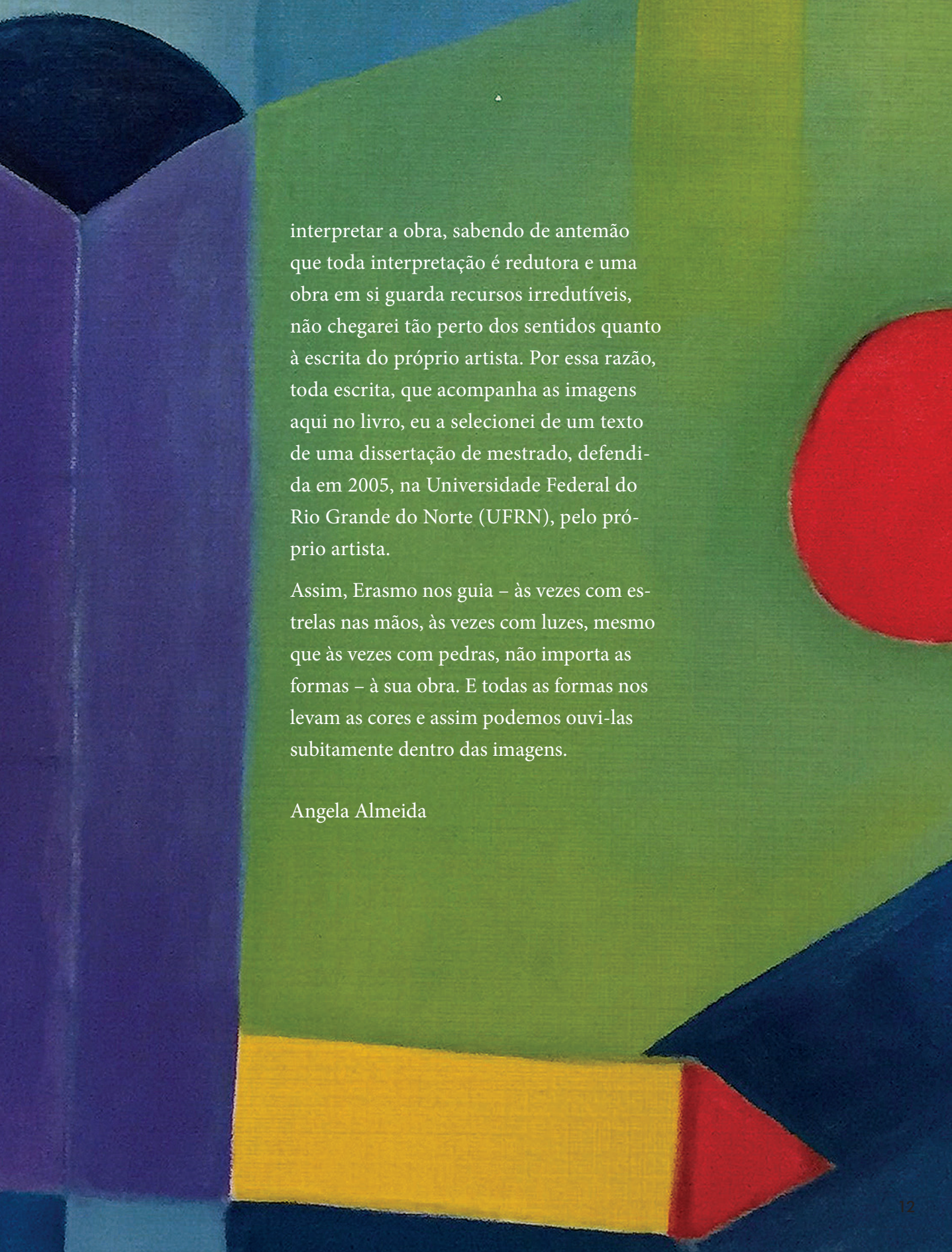


atual, seu mundo plástico nos obriga a mover-se de um lugar de conforto ou de razão cartesiana. Somos arrastados por seus anjos bizantinos em ouro luz, corpos de homens/animais/mitos, cabeças femininas, masculinas, andróginas ou não, santas com vestes exóticas, enterros entre jogos de luz e sombra, jarros com flores de forma complexa, torres de igreja, bules sobre mesas, provocando em nós suaves desconcertos.

A atividade criadora de Erasmo compreende sempre obra e pensamento amalgamados, ele se coloca no mundo da mesma forma como se coloca na obra, num estético transbordamento da arte para a vida, da vida para a arte.

Atitude essa que lembra o que um dia Duchamp escreveu: “Estou convicto que, tal como Alice no País das Maravilhas, o artista terá que atravessar o espelho da retina para alcançar uma expressão mais profunda”. A sensação que tenho é que Erasmo já o fez em pleno voo estético tragado por seus anjos, porém com os pés fincados na terra de São Tomé.

Por mais que eu me esforce aqui para



interpretar a obra, sabendo de antemão que toda interpretação é redutora e uma obra em si guarda recursos irredutíveis, não chegarei tão perto dos sentidos quanto à escrita do próprio artista. Por essa razão, toda escrita, que acompanha as imagens aqui no livro, eu a selecionei de um texto de uma dissertação de mestrado, defendida em 2005, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pelo próprio artista.

Assim, Erasmo nos guia – às vezes com estrelas nas mãos, às vezes com luzes, mesmo que às vezes com pedras, não importa as formas – à sua obra. E todas as formas nos levam as cores e assim podemos ouvi-las subitamente dentro das imagens.

Angela Almeida



O ARTISTA
POR ELE
MESMO

Época 2007. Monte de Armon.



Nasci em São Tomé (RN), no primeiro dia de junho de 1949, filho de Sadi Andrade e Maria Costa Andrade. Aos seis anos de idade fui morar com minha avó materna, Josefa Regina de Andrade, porque meus pais se transferiram para morar na Fazenda Pedra do Navio nos arredores da cidade. Tenho dois irmãos, Margaret Andrade e Heráclito Andrade.

Eu via na infância tudo diferente dos outros, captava um lado oculto das coisas, próximo ao sonho, com meus personagens que mais tarde fariam parte do meu universo pictórico.



Meu pai, Sadi Andrade, tinha olhos verdes amendoados e profundos, parecendo sombreados, delicado de corpo, estatura mediana, nariz adunco projetado, dando certo ar de ave rapina. Sadi, nome de origem persa, significa jardim das rosas. E eu diria de rosas e espinhos, as rosas tem espinhos.

Lembro dele cavalgando no Barbante (cavalo branco), rumo à Pedra do Navio de São Tomé, no dia de feira. Anjo tonto na luz da tarde, no vento, solto na sela, atravessava a porteira, próximo ao pé-de-jurema.

Josefa Regina de Andrade, minha avó que sempre chamei de mãe, não havia aprendido a ler nem escrever porque o meu bisavô não permitiu, entretanto ela fazia “contas de cabeça”, deduzia códigos matemáticos e eu não entendia como aquilo era possível. Preocupou-se o tempo inteiro com a minha educação.

As imagens que guardei da minha infância foram as da descoberta das formas de objetos e figuras humanas. Meu interesse maior era pelo pescoço alongado de pessoas, pelos santos, pelo formatos de determinadas frutas, pela forma de bules, do ferro de engomar, das torres pontiagudas de igrejas, das cúpulas, das asas dos anjos, dos pavões, dos carneiros, das vacas, das cabras, das borboletas e dos girassóis da minha cidade.



Não esqueço de um bule com bico longo, elegante, que vi pela primeira vez na casa de duas velhas senhoras. Aquele bule com desenhos florais me chamaram a atenção como se houvesse uma luz destinada a ele. Naquele objeto estava gravado meu destino de pintor, obsessivo pelas formas das coisas e pelas cores do mundo.



Já adulto, em 1964, interno no Seminário de São Pedro, em Natal, eu e um novo amigo, Carlos José Marques, trabalhávamos num pequeno ateliê de pintura, num corredor que dava para a capela do internato. Ainda sinto o cheiro das tintas frescas que atraíam o olfato. Nesse local, com janelas para o pátio com pitangueiras, palmeiras-imperiais e cajueiros; conversávamos e elaborávamos quadros com ingênua paixão da juventude, onde explorávamos temas bem marcantes da terra, como frutas regionais e figuras do folclore nordestino.



Lembro dos primeiros quadros dessa época, um principalmente: *Os pavões*, leque aberto de plumas coloridas de oriental postura, encantamento dos contos das *Mil e uma noites*. No fundo um verde inglês, chapado, eu coloquei três figuras de pavões, em posições corretas, dando um passo definitivo nas pontuações e espaços delimitados; simples resolução harmônica e musical, notas afinadas de cromatismo complementavam as figuras com relação ao fundo.



Em 1978, através do Departamento de Artes da UFRN, fui fazer um curso de aperfeiçoamento em Pintura e Gravura em Metal na Escola de Belas Artes de Belo Horizonte, onde aprofundei meus conhecimentos em pintura a óleo, aquarela, guache e gravura em metal. Estudei composições dos grandes mestres, como Cézanne, Braque, Picasso, Paul Klee, entre outros.

Nesse período, mergulho na plenitude da técnica da aquarela que, através da mágica artística, torna-se diáfana. Com o olho no tabuleiro de Paul Klee, introduzo na minha pintura, meios tons, projetando-se, neste universo pictórico, fina estampa de damasco e gazes translúcidas.



Da escola de Belas Artes fui para Pontifícia Universidade Católica (PUC), de São Paulo, para concluir a especialização. Fui aluno de professores como Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Maria Lúcia Santaella, além de Lucrecia D'Aléssio Ferrara, que me orientou sobre um possível trabalho de mestrado, com características diferenciadas de uma dissertação convencional que se adequaria a um repertório condizente a um artista que foge das regras da escola formal.

Após um ano, retorno à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao Departamento de Artes, para lecionar as disciplinas Pintura I e II, Composição Artística e Desenho Criativo.



The background is a complex abstract composition of various colored rectangles and squares. The colors include shades of blue, green, yellow, red, purple, and brown. Some shapes are nested within others, creating a sense of depth and complexity. The overall effect is a vibrant, textured collage.

OS
TEMAS
ESTÉTICOS



OS
ANJOS

“Vejo a passagem secreta, na
direção da quimera, no mundo
efêmero do ar, da terra,
da água e do fogo, por onde
trilham os homens interrogando
sua existência sem resposta.
A essência das coisas é traçada
pela paixão
de anjos caídos na terra.”





Anjos máscaras IV, 2011, óleo sobre tela, 90 x 90cm

Os anjos sobrevoavam os altares da matriz de Nossa Senhora da Conceição nas noites encantadas do mês de maio, com túnicas brancas e asas de penas raras, dos jardins, nos paraísos perdidos dos confins celestiais. O que mais me impressionava nos anjos é que eles tinham uma aparência sobrenatural, entre o humano e o divino; o gênero masculino e o feminino voavam sobre as nuvens, as montanhas, os mares e rios, matos e sobre as aldeias habitadas pelos homens.

Também nos céus dos presépios do Natal, em dezembro, os anjos apareciam tocando instrumentos musicais e um deles anunciava “Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade”. Eu armava meu presépio imitando o da Igreja Matriz, com os pastores, carneiros, camelos e Reis Magos, o burro e a vaca no estábulo, com São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus. No céu azul havia centenas de estrelas e uma delas guiava os Reis Magos na visitação ao menino Jesus, com as oferendas de ouro, incenso e mirra. Os anjos no presépio mostravam outra dimensão além dos limites terrenos, como aparecem nos quadros de Fra Angélico e de Giotto: anjos dos festejos e das luzes do nascimento do salvador dentre os homens.

No catecismo católico, em São Tomé, descreviam os anjos como criaturas sem sexo, andróginos e que falavam por intermédio de um código de linguagem desconhecida e estranha. E como o anjo da anunciação comunicou-se com Maria? Não sei definir os anjos, mas os admiro pelo mistério que há em torno deles e a plasticidade que os envolve. Eles podem até assustar, pelo inusitado, pela aparição surpreendente e rara, como no quadro do pintor pré-rafaelita Dante Gabriel Rossetti, *Ecce Ancilla Domini*, criado no período de 1849 a 1850.





Anjos de La Luna I, 2011, óleo sobre tela, 90 x 90cm



Anjo de La Luna II, 2011, óleo sobre tela, 90 x 90cm

"OS ANJOS DE ERASMO"

Para Erasmo Andrade

Pois conheces os anjos
Teus, eles nascem da cópula verde
Da tinta (e) do teu olho
Da tua mão e do pincel

Liquianjos
Anjos soprados

São anjos são(s)
Exorcizando mísseis
Recém-minados

Anjos sem família
Anjos sem traumas
Raspando luz
Nos escuros de nós

Anjos teus
Por mais que os vendas
E conversas com eles
Em anjês
A tua língua com eles

Teus anjos são
Trans
Parentes teus.

Nivaldete Ferreira da Costa
Escritora e Poeta, dezembro de 1988.



Anjo músico XXI, 2014, óleo sobre tela, 70 x 80 cm



A FE

“A Fé transpõe montanhas”, diz o texto sagrado que aponta no sentido cultural e religioso sob a luz da “Fé, Esperança e Caridade”.

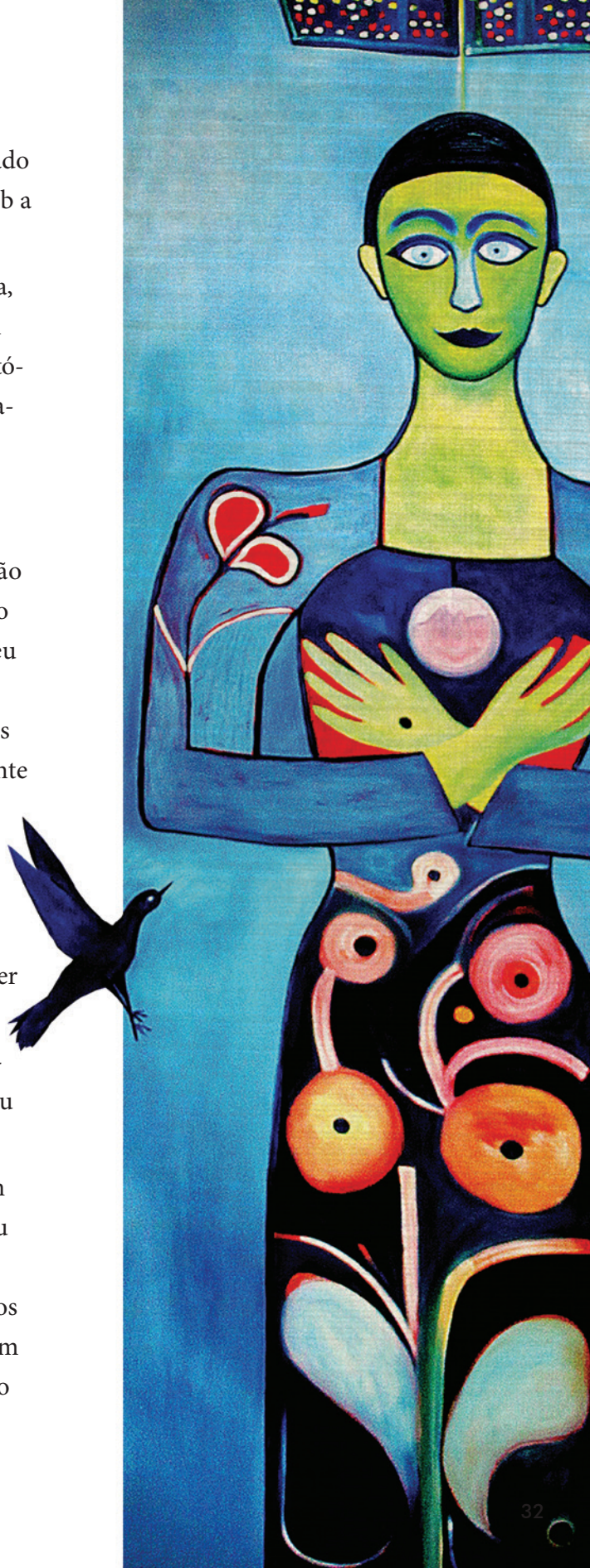
Na minha Primeira Comunhão, ainda criança, na década de 1950, em São Tomé, interroguei sobre o catecismo que aprendi, os dogmas católicos, os santos, a hóstia consagrada e a “Imitação de Cristo”.

Os santos que tinham perto de mim eram Nossa Senhora da Conceição, São José, Sagrado Coração de Jesus, Santa Terezinha, São Sebastião, Cristo Morto e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. O altar-mor imitava o céu e adorávamos o Santíssimo Sacramento no sacrário envolvido de mistérios e de fé pelos que contemplavam e rezavam fervorosamente perante ele.

Fiz minhas emoções na infância e juventude, pedindo que Nosso Senhor Jesus Cristo me fizesse um homem de Fé. Mas a Fé não é um dom que desenvolvemos no decorrer de nossa existência?

Refletia também sobre a vida e morte, projetando um outro lado da vida chamado de céu onde os anjos e Nossa Senhora habitam.

No altar lateral da matriz havia uma imagem de São Tomé, o apóstolo incrédulo que tocou nas chagas de Cristo depois de ressuscitado. Não quis ser como ele, mas meus sentimentos eram de dúvidas, “de pouca fé”, e suplicava em orações pela luz no caminho a ser percorrido iniciado em São Tomé, lugar onde nasci.



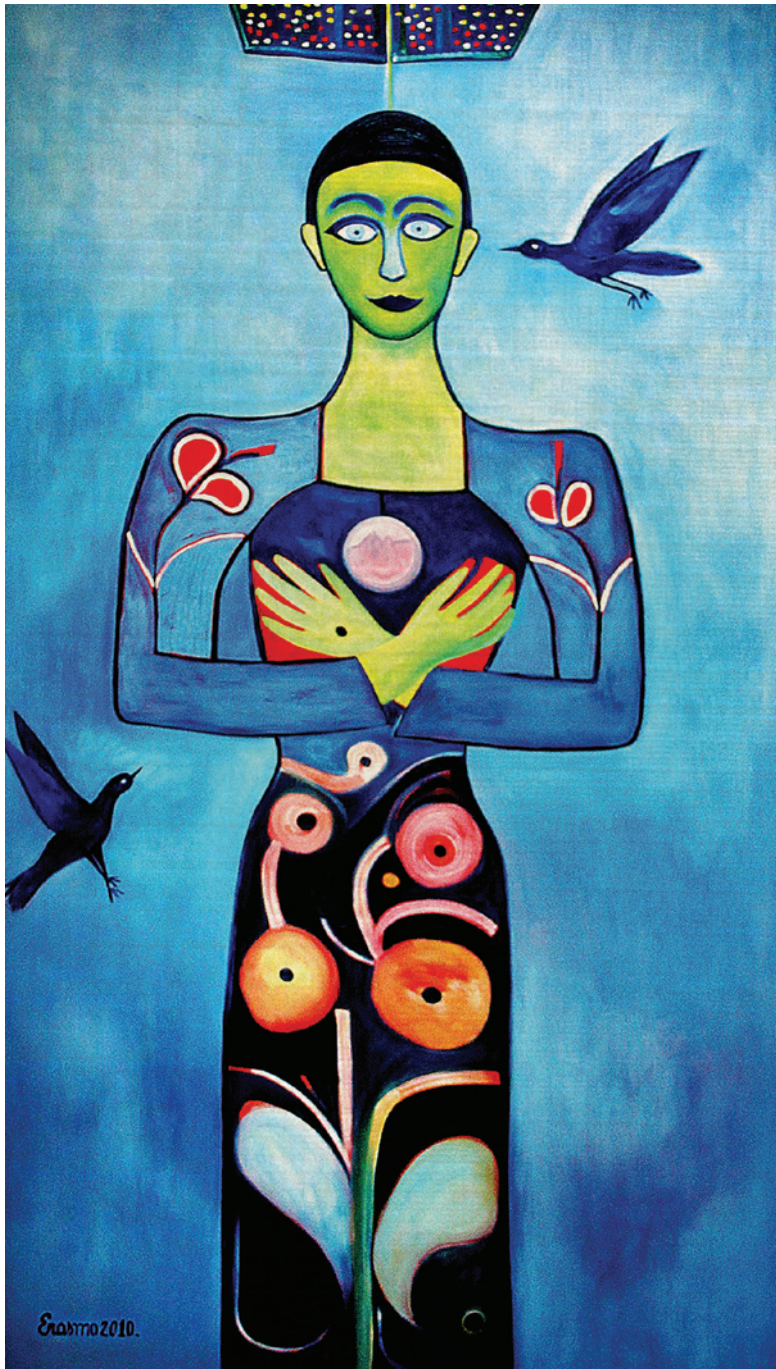


Figura com estigma IV, 2010, óleo sobre tela, 70 x 100m

Nossa Senhora
Do manto azul
Contornado por serras,
Rogai! ...

Teus pés tocam
Sacrário d'ouro, entre pedras.

Erasmu Andrade





Nossa Senhora da Conceição, 2015, óleo sobre tela, 70 x 80cm



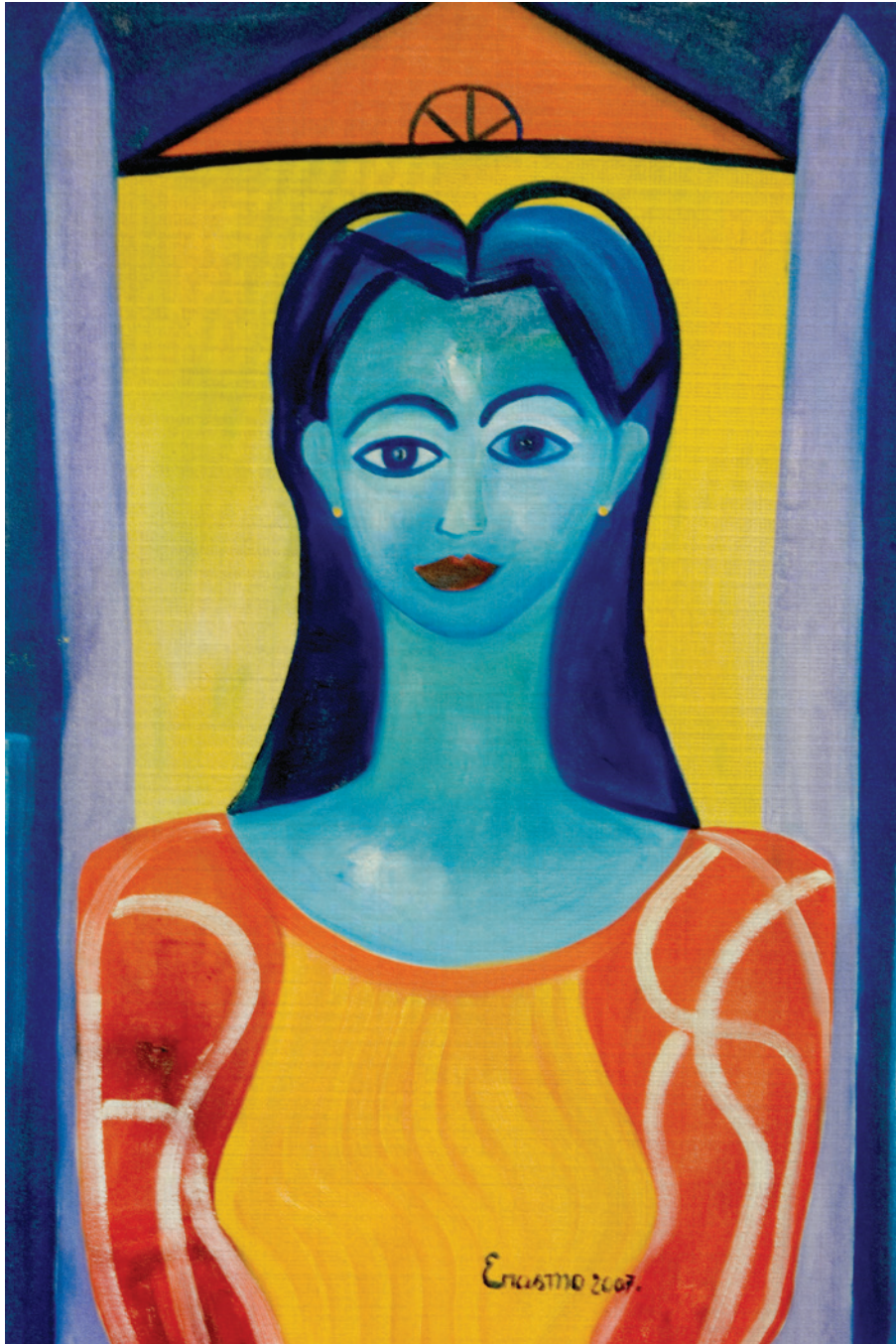
Santa Terezinha de Lisieux, 2006, óleo sobre tela, 90 x 100m



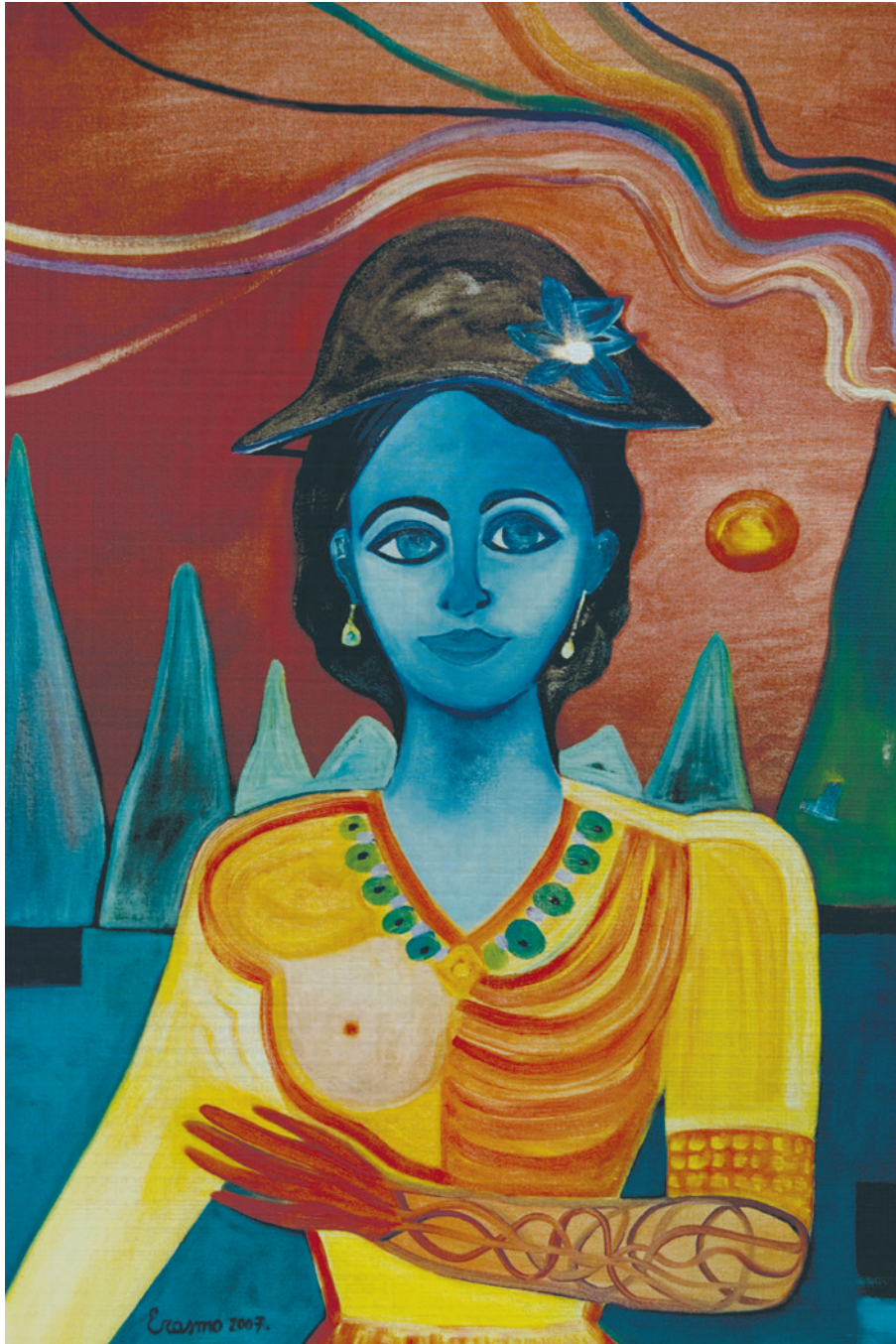
FIGURAS
FEMININAS

Os rostos das figuras femininas são traçados por mim pela definição de bocas pintadas, olhos amendoados, ressaltando o formato dos olhos. São rostos que se assemelham a máscaras dos carnavais românticos da década de 1950, onde havia nas mulheres uma certa postura ingênua, bucólica e sensual, banhadas de cores ardentes destes festejos. Rostos que também lembram a expressão facial de Maria Costa Andrade (minha mãe), que contornava os lábios com batom vermelho púrpura, ressaltando sua pele morena da cor de canela e ostentando um par de brincos de água-marinha, cujas pedras foram resgadas da mina oitocica em São Tomé-RN, por Sadi Andrade (seu marido, meu pai), administrador deste lugar. Um lugar (que lembro) de frondosas oitocicas, tanques naturais de pedras e revoadas de galos-de-campina que sobrevoavam a região.





Mulher recostada na cadeira, 2007, óleo sobre tela, 80 x 70cm



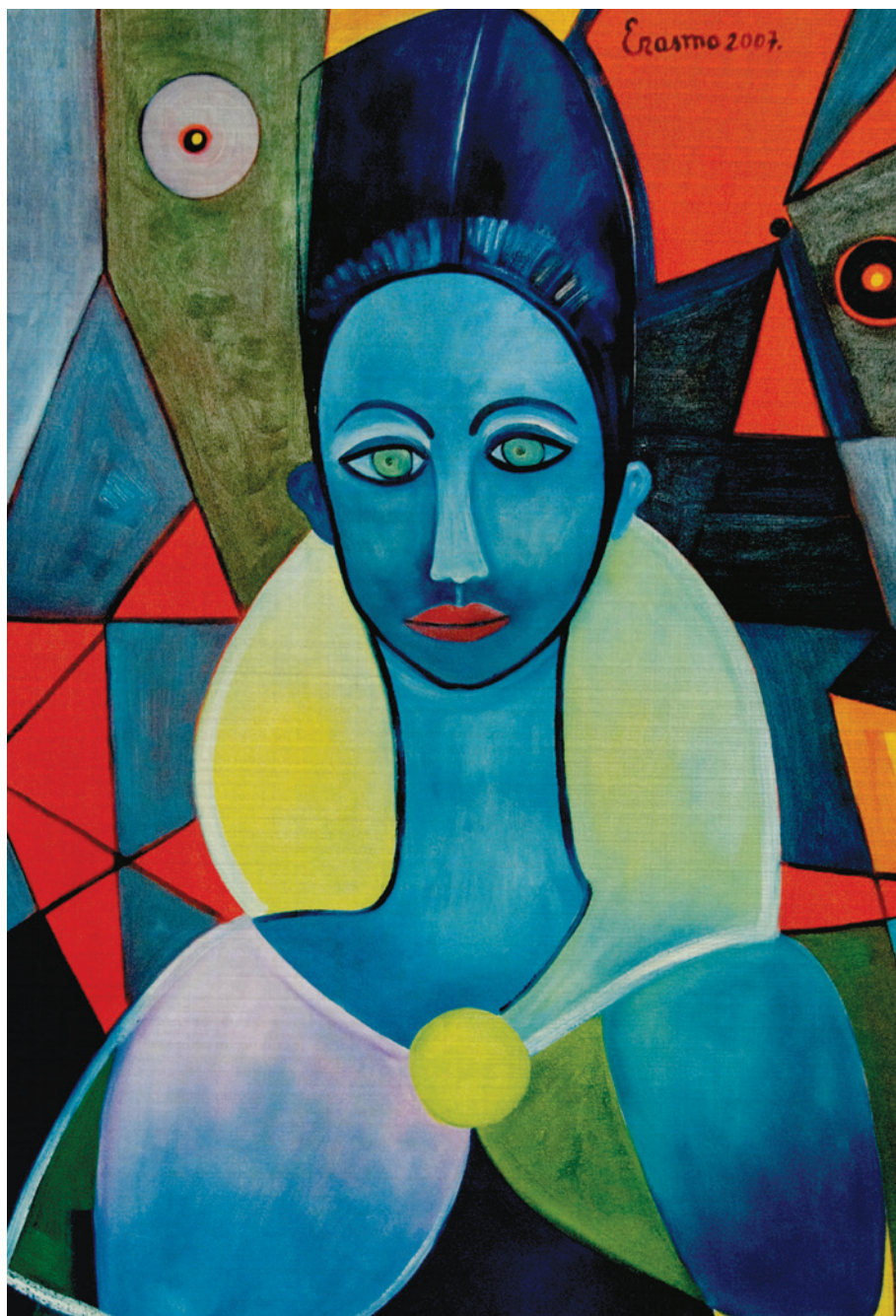
*Mulher na festa de Nossa Senhora da Conceição nº 3, 2007,
óleo sobre tela, 80 x 70cm*



Maria aos 18 anos II, 2010, óleo sobre tela, 90 x 90cm



*Mulher na festa de Nossa Senhora da Conceição nº 1, 2007,
óleo sobre tela, 80 x 70cm*



Mulher numa noite de São João de 1960, 2007, óleo sobre tela, 80 x 70cm



*Mulher na festa de Nossa Senhora da Conceição nº 2, 2007,
óleo sobre tela, 60 x 70cm*



A mulher azul, 2012, óleo sobre tela, 70 x 80cm



FIGURAS
MASCULINAS

As figuras masculinas foram incorporadas ao meu repertório pela observação sobre os homens artistas do Circo de Borborema, na década de 1960, em São Tomé, que trabalhavam no picadeiro como trapezistas, equilibristas, mágicos ou palhaços.

Os rostos destes personagens eram pintados, dando expressões diferentes às funções que desempenhavam, destacando a testa, o nariz e a boca. Eram rostos de máscaras do teatro popular. Os corpos lembravam borracha, pela textura e desenvoltura dos movimentos necessários nas apresentações que tinham como foco principal o trapezista no “voo da morte”.

Os pintores Pablo Picasso, Marc Chagall, Teruz e Lasar Segall colocaram estas figuras circenses em suas obras, mostrando a anatomia dos corpos dos trapezistas, como atletas envoltos por luzes, capas de cetim, sapatilhas, brincos, anéis e braceletes nos pulsos.

A figura masculina, na minha pintura, revela-se dotada de um tipo de beleza carregada de sensualidade e força no olhar, pela cor e luz da “água marinha” que encanta, cativa e apaixonona.

O *Retrato de Armand Rolin* de Van Gogh apresenta estas características pelo porte da figura e pela direção romântica do olhar que configura a construção de um sentimento de rara sensação psicológica e emocional.

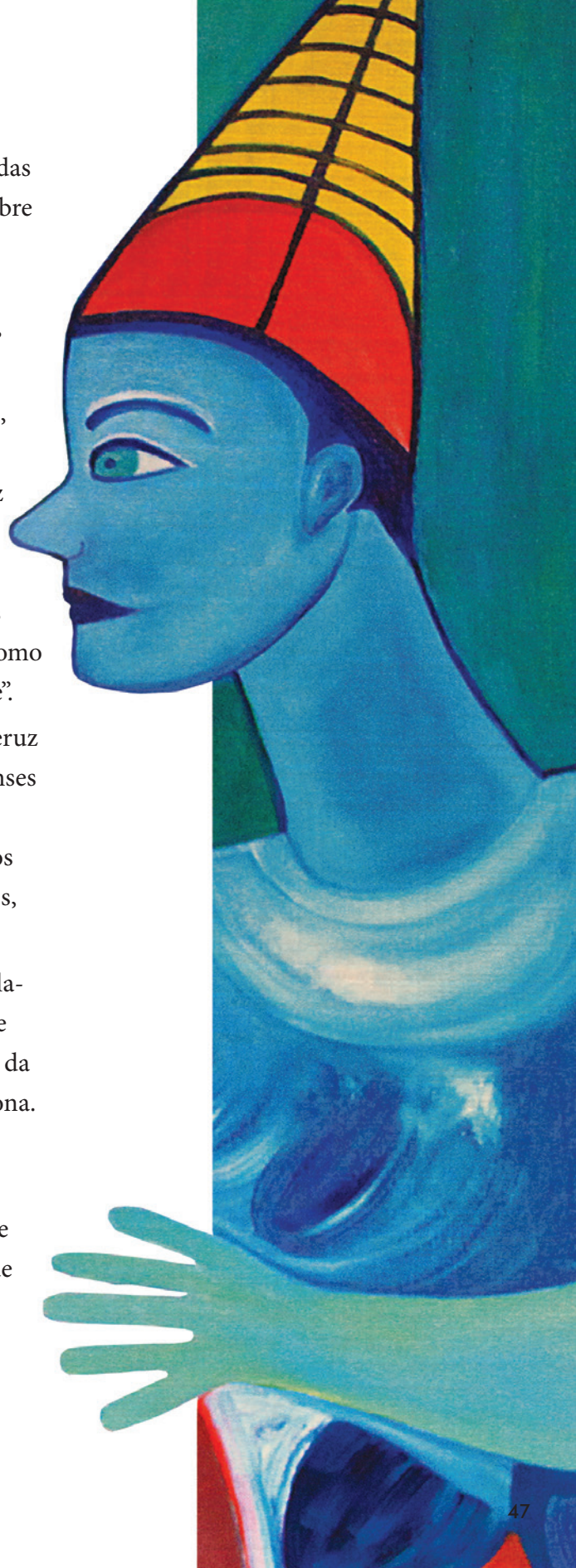




Figura observando sua aldeia, 2010, óleo sobre tela, 90 x 180m



Os namorados nº 1, 2015, óleo sobre tela, 80 x 70cm



Figura e objeto de sedução, 2015, óleo sobre tela, 50 x 60cm



Os namorados nº 2, 2015, óleo sobre tela, 50 x 60cm



Figura com vaso espiritual, 2015, óleo sobre tela, 50 x 60cm



O néctar do anjo, 2015, óleo sobre tela, 50 x 60 cm



Figura observando o espaço sideral, 2012, óleo sobre tela, 90 x 70cm



Figura e o bule da infância, 2015, óleo sobre tela, 50 x 60cm



Figura olhando para o nada, 2012, óleo sobre tela, 80 x 70cm



CORPOS:
HOMEM,
ANIMAL,
MITO



Figura de um carnaval de São Tomé, 2011, óleo sobre tela, 80 x 100m



O centauro na pedra do navio, 2011, óleo sobre tela, 90 x 100cm



O Centauro e a serpente, 2011, óleo sobre tela, 90 x 100m



Menino com borboleta, 2014, óleo sobre tela, 80 x 70cm



Saliva de sangue, 2009, óleo sobre tela, 90 x 70cm



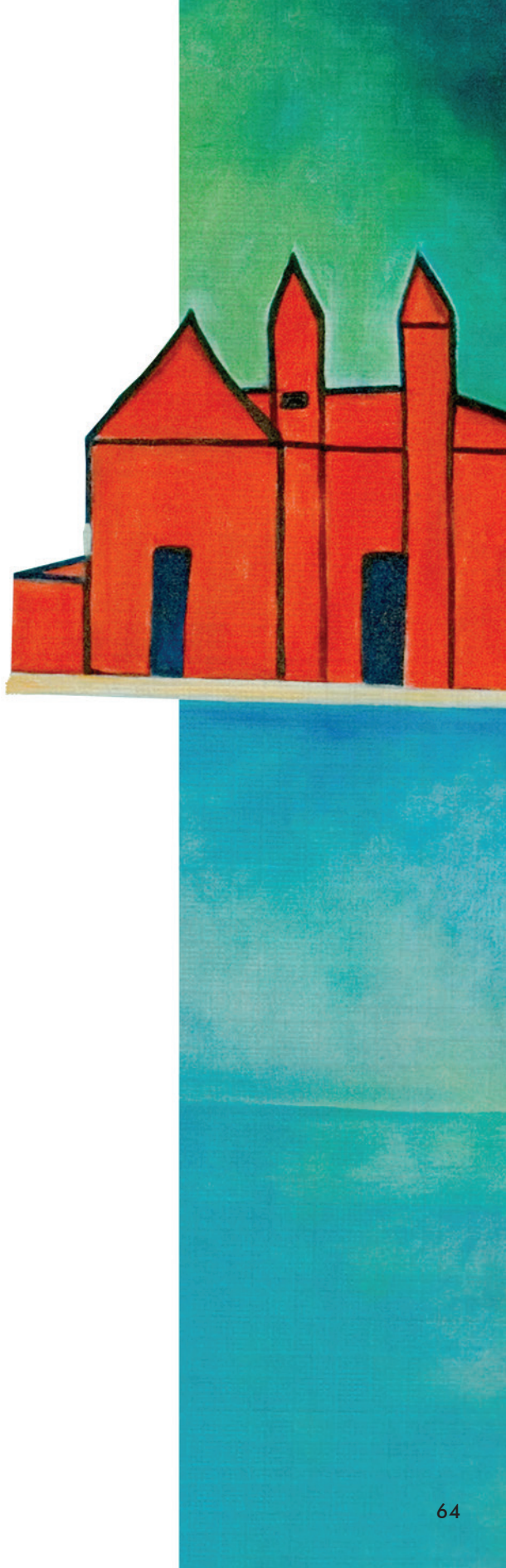
DESTERRO

Parti de São Tomé-RN, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, aos quinze anos de idade, para o Seminário de São Pedro que, em 1964, ficava na Avenida Campos Sales, em Natal-RN. Comigo foram para o seminário, os acólitos da Matriz de São Tomé, Tarcizio Eloi de Andrade, José Edmilson Bezerra, Gildenor Araújo e Hugo Nunes.

Não sabia o significado da “vida enclausurada” dos iniciados para a vida sacerdotal e, chegando lá, senti um choque emocional porque partira de minha terra, onde “as noites de São João eram só de estrelas”. Parecendo com o quadro de Van Gogh, *Noite estrelada*, impregnado de cores, luzes e movimentos circulares abísmicos, nos quais alegria e tristeza se fundem.

Este foi meu primeiro desterro: físico, emocional e espiritual, no qual tive o sonho de superação de frustrações de infância e a descoberta de uma nova realidade, mostrando ser mais cruel que minha vida em São Tomé, cercada de serras azuis e a imponente torre gótica da Igreja Católica Apostólica Romana.

Mas foi no Seminário de São Pedro que pintei *Retrato do amor quando jovem*, um quadro em óleo sobre tela com atmosfera e temperatura de algumas obras de Van Gogh, Paul Gauguin e Marc Chagall. A composição do *Retrato do amor quando jovem* era centralizada pela figura de uma enorme mulher, segurando o filho no



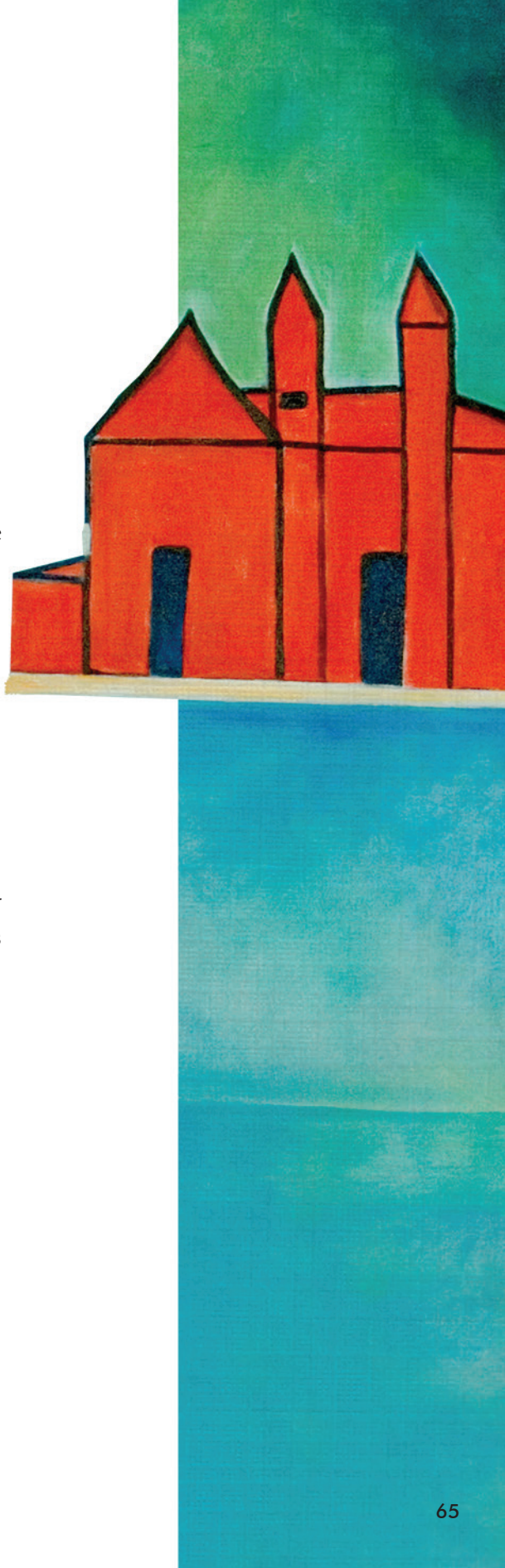
colo e, no plano de fundo, o céu azulado escuro e médio, com borboletas de cores simbólicas sobre girassóis da paleta fauvista.

A mãe, o filho e o retrato de um amor de juventude entrelaçados, numa composição na qual o inconsciente toma várias formas, criando pontuações de valores plásticos e psicológicos, numa sequência onde fuga, desejo, desalento e paixão fazem parte de uma só estampa, brocada como uma cortina de damasco, das noites encantadas de um São João da infância.

Desenhei nas calçadas de minha rua, em São Tomé, os elementos essenciais para o surgimento de minha identidade mesclada de fantasia e realidade, na ótica do que criava e não como as coisas eram. O mundo que me cercava era agreste com serras pontiagudas, o gado pastando nos sítios anunciando as horas dos rituais e uma porção de gente que seguia uma rotina, em busca da sobrevivência, sob a pontuação das horas vazias nas quais eu montava o mundo dos sonhos infindos.

Dentre as flutuações de sonhos, trabalhei o inconsciente como linguagem pela observação das formas de objetos, figuras humanas, movimentos de asas de pássaros, asas de anjos, paisagens com torres, do caju e de suas folhas, maçãs, olhos do Egito, nariz, mãos, pernas e bocas, bules e vasos com flores do campo.

Passei a vida desterrado. Desterrando as emoções, vida e morte, sol e sombra, partida e chegada e o sentido de coisas da vida pelo vínculo da observação obsessiva dos meus olhos de pintor.





Paisagem geométrica de São Tomé, 2015, óleo sobre tela, 90 x 90cm



Uma noite de São João de São Tomé, 2010, óleo sobre tela, 70 x 80cm



Noite sem fim, 2010, óleo sobre tela, 90 x 80cm



Fruteira e caju, 2007, óleo sobre tela, 70 x 80cm



A fruteira, flor e fruta, 2007, óleo sobre tela, 60 x 70cm



Cajus da década de 1960, 2012, óleo sobre tela, 80 x 90cm



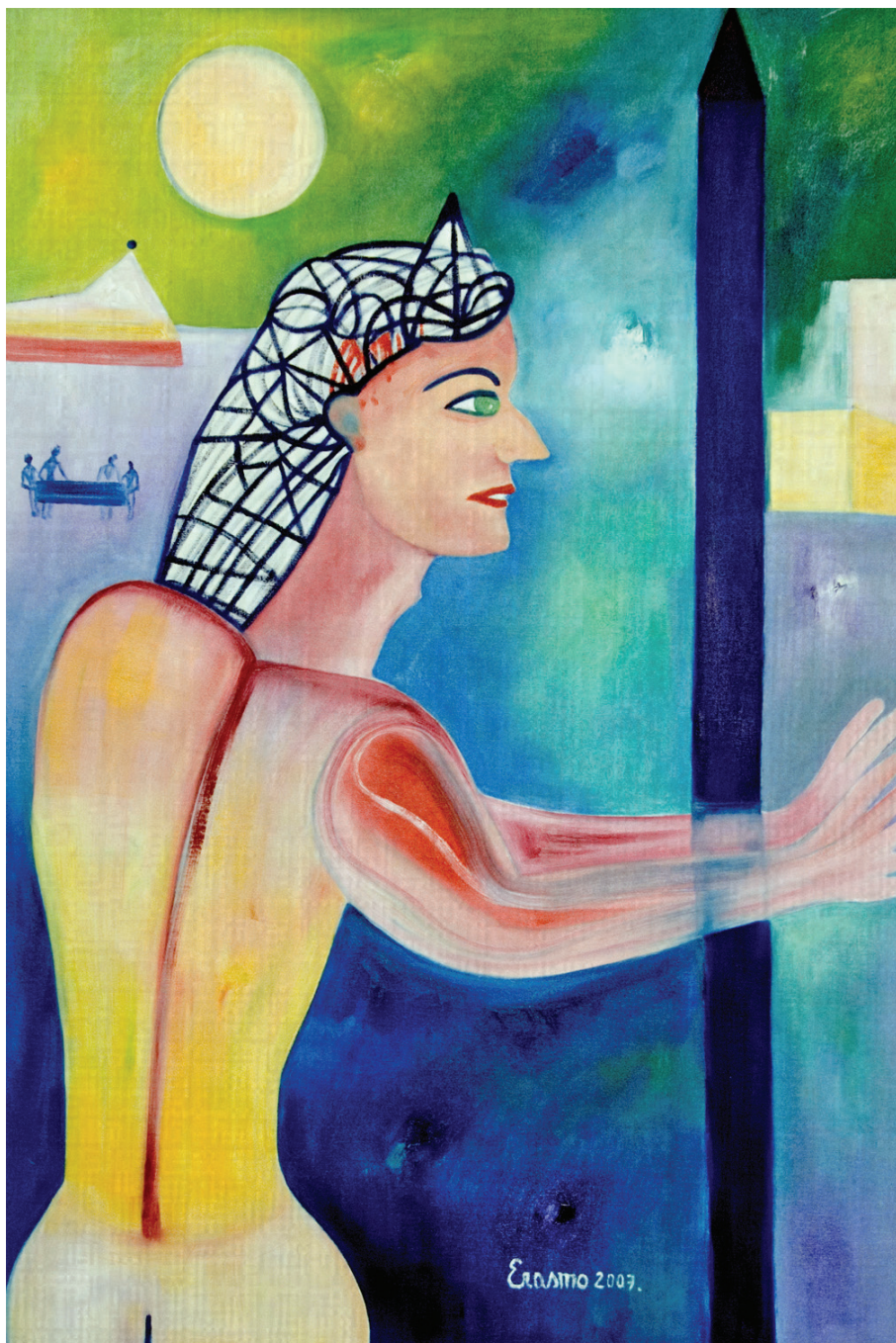
Vaso com sementes e conchas de Ponta Negra, 2012, óleo sobre tela, 90 x 90cm



No sepultamento de Maria, 2007, óleo sobre tela, 90 x 70cm



A morte do amor, 2007, óleo sobre tela, 80 x 100m



O flagelo no sepultamento de Maria, 2007, óleo sobre tela, 80 x 70cm

Estudos

ESTUDOS





Dançarinas, 1977, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



Crianças brincando, 1978, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



“En sen dois” (Estudo I), 1977, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



Figuras de um Natal e pássaro, 1977, desenho em grafite e lápis de uma cor sobre papel, 15 x 20cm



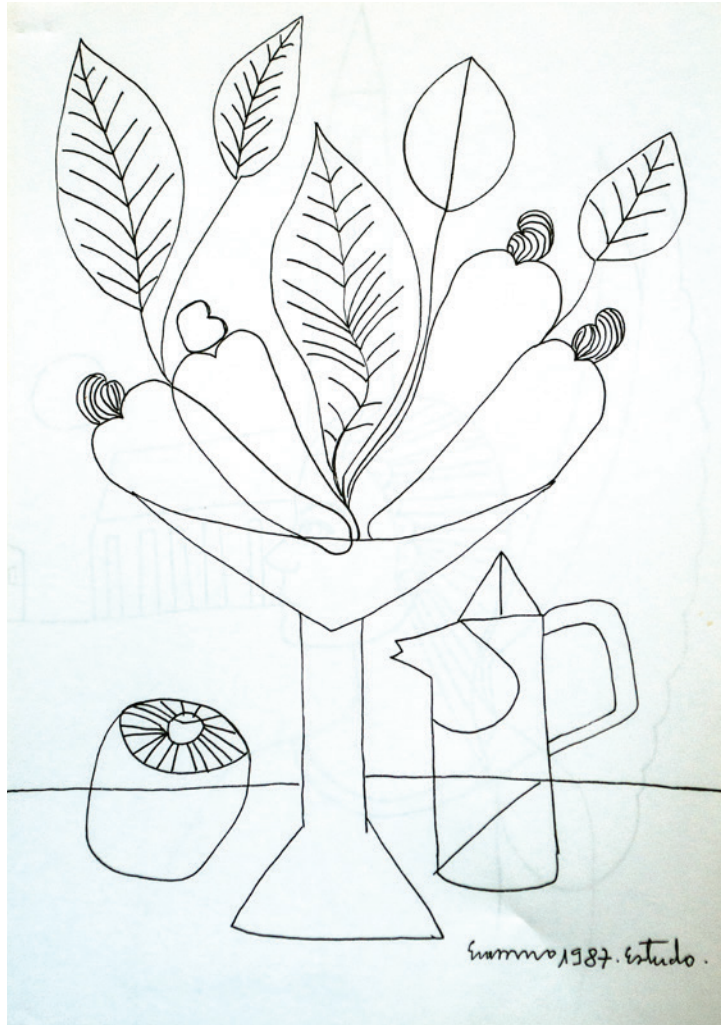
Abraço angelical, 1977, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



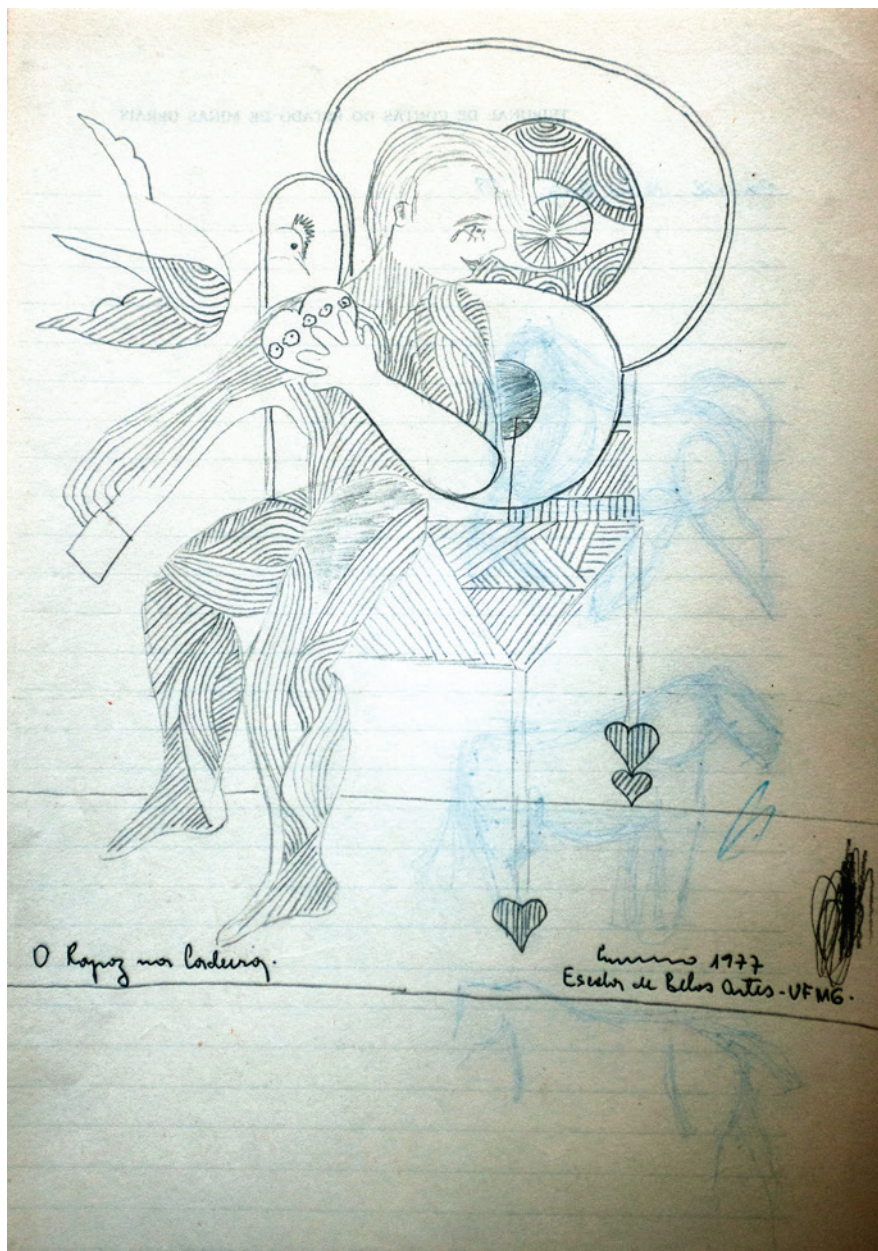
Menino observando pássaros, 1978 (Belo Horizonte-MG),
desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



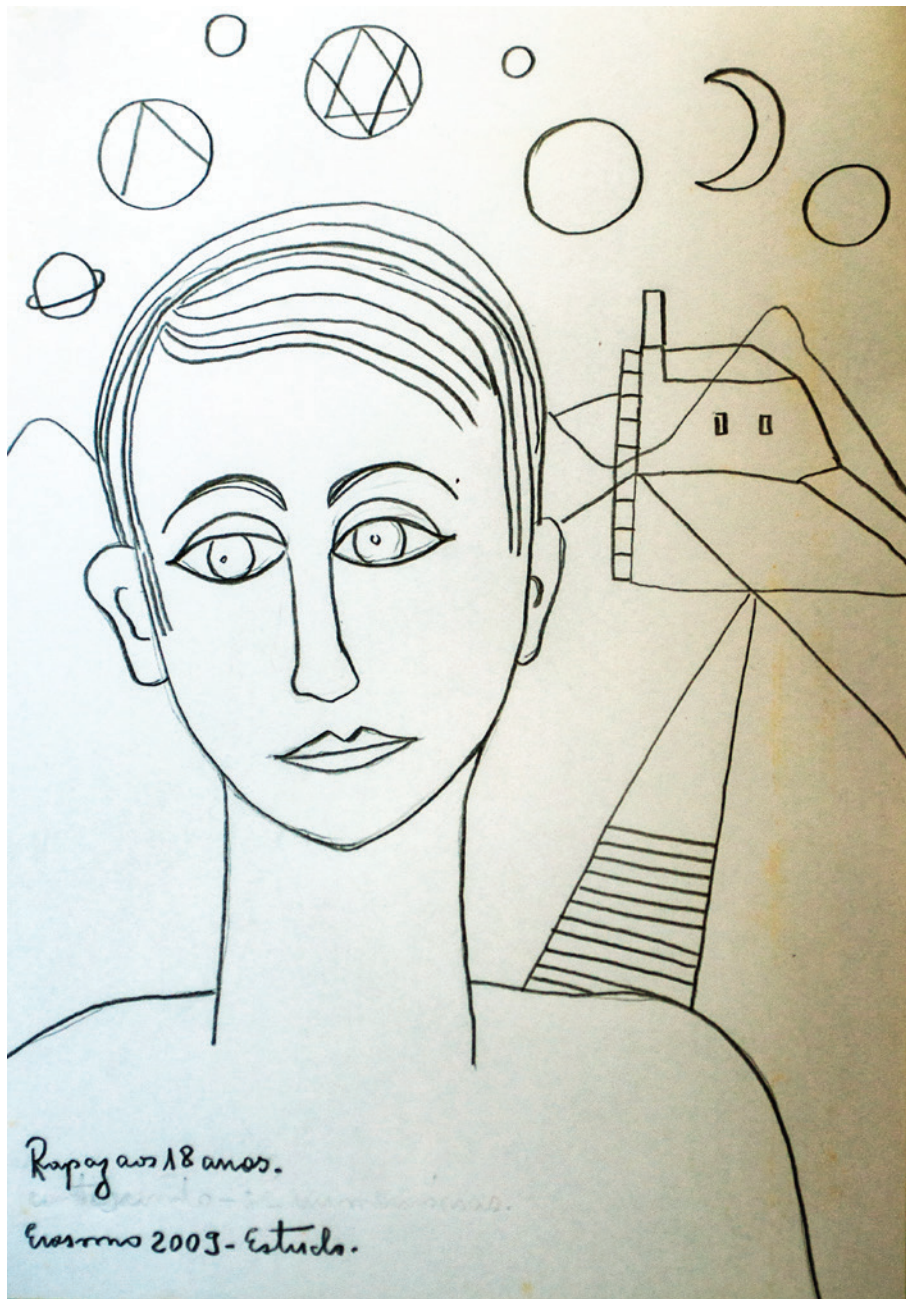
*Anjo e a torre da Matriz de São Tomé, 1987, (Estudo),
desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm*



Fruteira com cajus, 1987, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



O rapaz na cadeira (Escola de Belas Artes – UFMG – 1977),
desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



Rapaz aos 18 anos, 2009, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



Cristo e Pavões, 1987, desenho em grafite sobre papel, 15 x 20cm



RECENTEMENTE

Angela Almeida

Hoje (2017), Erasmo se aposentou da sua função de professor do Departamento de Artes da UFRN. Formou gerações de jovens artistas ao mesmo tempo que germinou a sua obra. Durante todos esses anos como professor da UFRN, expôs quase sempre na galeria do Núcleo de Arte e Cultura da própria instituição. Nunca teve interesse em expor em outros lugares, nem fora do campus, nem fora do estado do Rio Grande do Norte. Formou uma legião de observadores da sua obra, além de fiéis compradores a cada nova série de quadros. Sobre sua linguagem imagética, atualmente nos passa a impressão de que se tornou ainda mais íntima, pessoal e ao mesmo tempo universal, pois seus temas recorrentes são a solidão e a morte, sem esquecer o amor. Quando jovem já era mais recluso de uma vida social, agora cada vez mais se retira para uma vida privada,





de amigos escolhidos e familiares mais próximos, bem como o apego às serras azuis de sua São Tomé. As imagens de sensualidade ao masculino tomaram mais propriedade, seus amores floraram mais livremente defronte de azuis profundos. Às vezes ele se repete, isso é completamente natural. Porém permanece a intensidade do desejo de pertencer somente à pintura. O mesmo pertencimento à cidade de São Tomé, onde hoje construiu um ateliê/casa para guardar seus trabalhos. Lembrando a proposta da biblioteca do alemão Aby Waburger (1866-1929), que consistia em colocar os livros a partir de temas relacionais, Erasmo organizou seu ateliê-casa em cada cômodo com obras, objetos e fotografias que não só se relacionam umas com as outras como também criam em si uma narrativa plástica autoral. Um lugar importante para entender a própria obra do artista.

Para um jovem que nasceu numa cidade do interior do Rio Grande do Norte, em uma família sem tradição artística ou intelectual, seu percurso, onde chegou às duas classes: artística e intelectual, foi de grande vontade e inteligência. As marcas de homem do interior, ele as transformou em arte, num homem ético, comprometido com o humano e com ele mesmo. Sua arte nunca traçou algo de artificial, ela é visceral, pura, romântica e instigante. Uma arte enxertada de linguagem autônoma. E o próprio artista fala: “Motivado pela força elementar da arte popular de minha terra de origem, descobri na arte o significado do sonho, a visão plástica da natureza e o irracional das coisas”.

Que Erasmo viva muitos anos para habitar nossos olhos



de sua verdadeira arte!

Sobre a Organizadora

ANGELA ALMEIDA

Jornalista, doutora em Ciências Sociais (UFRN), professora (UFRN). Pesquisadora da área de comunicação, artes, estética e fotografia, tem livros publicados nessas áreas. Experimenta os campos das artes plásticas, da fotografia e da curadoria.

Sobre o artista

ERASMO ANDRADE

Professor de Pintura do Departamento de Artes da UFRN, hoje já aposentado. Nasceu em São Tomé-RN.

